

## A canonização de Friedrich Ratzel (1844-1904) na geografia brasileira

Thiago Henrique Costa Simões Antunes <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo em tela se estabelece como uma investigação sobre como a geografia brasileira recebeu, se relacionou e mantém interações com os conceitos, métodos e teorias que surgiram a partir dos escritos de Friedrich Ratzel (1844-1904). Ao analisar os caminhos geo-históricos de como a comunidade geográfica nacional tem se envolvido com os clássicos do pensamento geográfico, torna-se evidente um processo de “canonização” a vários desses autores. No caso de Ratzel, a canonização se traduz em um “complexo estigmatizante”, que consiste no reducionismo e simplificação de suas ideias em estigmas teóricos depreciativos. Essas críticas, que apresentam sérias deficiências em termos científicos de análise, ofuscam a importância das contribuições legadas pelo autor à ciência geográfica, oportunizam relações preconceituosas entre suas ideias e geógrafos em formação e desencorajam a tradução e pesquisa em diálogo com importantes fundamentos científicos da geografia. No contexto brasileiro, quatro momentos demonstram ser fundamentais para avançar na compreensão desse processo: 1) O período de pré-institucionalização universitária; 2) o de pós-institucionalização; 3) o de interesse por parte de geopolíticos brasileiros; 4) e o período de ascendência da influência da geografia crítica — época na qual os estigmas se consolidaram, especialmente, a partir da produção de antologias pedagógicas sobre a história do pensamento geográfico.

### ABSTRACT

The article in question is established as an investigation into how Brazilian geography received, related and maintains interactions with the concepts, methods and theories that emerged from the writings of Friedrich Ratzel (1844-1904). When analyzing the geohistorical paths of how the national geographic community has engaged with the classics of geographic thought, a process of “canonization” of several of these authors becomes evident. In Ratzel's case, canonization translates into a “stigmatizing complex,” which consists of the reductionism and simplification of his ideas into derogatory theoretical stigmas. These criticisms, which present serious deficiencies in scientific terms of analysis, obfuscate the importance of the author's contributions to geographic science, create prejudiced relationships between his ideas and geographers in training and discourage translation and research in dialogue with important scientific foundations of geography. In the Brazilian context, four moments prove to be fundamental to advance the understanding of this process: 1) The period of university pre-institutionalization; 2) post-institutionalization; 3) that of interest on the part of Brazilian geopoliticians; 4) and the period of ascendancy of the influence of critical geography — a time in which stigmas were consolidated, especially through the production of pedagogical anthologies on the history of geographic.

**Keywords:** Friedrich Ratzel, Classics of geographic, History of Brazilian geography, History of Geographic, Geographic determinism.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo - USP, [thiagosimoesantunes@usp.br](mailto:thiagosimoesantunes@usp.br)

Assim como outras ciências, em sua feição disciplinar, a eleição das histórias da geografia é um empreendimento seletivo, todavia, a tendência dos geógrafos humanos em menosprezar determinados períodos da história da ciência geográfica, ao passo que celebram outros, desponta como uma característica digna de consideração. Ao observar outras searas da humanidade, fica evidente que não existe uma concordância entre historiadores, sociólogos ou antropólogos sobre os núcleos de seus campos, porém, de modo geral, elas se mantêm mais ativamente envolvidas com seus “clássicos” (POWELL, 2012).

Em se tratando de geografia humana, as formas como o passado vêm sendo considerado, as novidades vêm sendo identificadas e o progresso vêm sendo apreciado, sob a lógica de demolir ou silenciar o que havia e em seguida tentar um (re)começo, operam lavradas por uma política de exclusão de autores, textos e ideias, um processo de canonização na geografia (KEIGHREN, ABRAHAMSSON e DELLA DORA, 2012). Para avançar na compreensão desse processo é preciso considerar as narrativas geográficas como realizações estabelecidas no tempo e no espaço, isto é, interligadas às circunstâncias geográficas, históricas, políticas e sociais nas quais elas foram concebidas.

O presente trabalho constitui-se como uma investigação geo-histórica<sup>2</sup> aos domínios interpretativos, conceituais e metodológicos dos estudos em teoria da geografia e história do pensamento geográfico no âmbito brasileiro, conferindo enfoque às relações estabelecidas com as ideias do geógrafo alemão Friedrich Ratzel.

Ao analisar as trajetórias geohistóricas de como a geografia brasileira vem se relacionando com os clássicos do pensamento geográfico, é possível notar a existência de um processo de canonização concernente a representação desses autores, alguns simplificados a meros “positivistas” e “naturalistas”<sup>3</sup>, como Humboldt e Ritter, outros reduzidos a limitados “possibilistas”<sup>4</sup>, como La Blache e Jean Brunhes. Identificamos o tratamento dispensado ao legado conceitual de Friedrich Ratzel (1844-1904) como uma das expressões mais representativas desse processo. Diferentemente dos clássicos, os canônicos mantêm-se de

---

<sup>2</sup> Nos termos braudelianos, como conceito que não considera existir história que seja exterior ao geográfico, e sim uma geografia do tempo histórico, calcada num projeto de e por meio das civilizações em seus contextos espaçotemporais, alcançar as esferas da vida social, em sua contextura política, econômica e cultural (BRAUDEL, 1999).

<sup>3</sup> “A perspectiva determinista desenvolveu-se primeiramente na Alemanha e posicionou a Geografia ante um conhecimento naturalista, influenciada por Humboldt e Ritter, e que condicionava as atividades humanas às determinações naturais” (DE SOUZA E PEREIRA, 2017, p. 349).

<sup>4</sup> “Assim, na perspectiva vidalina, a natureza passou a ser vista como possibilidades para a ação humana; daí o nome de Possibilismo[...] La Blache criou uma doutrina, o Possibilismo, e fundou a escola francesa de Geografia” (MORAES, 2007, p.24 e 27).

costas para o presente, perderam sua capacidade dialógica (FISHELOV, 2010), são recordações passadas que não pretendemos retornar.

Os estigmas que se fixaram à figura de Ratzel já foram escopo de pesquisadores argutos como Sanguin (1990), Mercier (1992, 1995) e Carvalho, M. (1997a, 1997b), entretanto, as histórias de como as ideias desse autor seguem sendo consumidas em nosso país estão radicalmente ligadas à construção da comunidade geográfica nacional. Essas relações, ainda pouco exploradas, demandam esforços de pesquisa, pois têm potencial para pôr em crise o dogmatismo metodológico ainda em curso.

Quatro momentos se apresentam como cruciais para aprofundar a compreensão de como a geografia brasileira recebeu, relacionou-se e permanece interagindo com as ideias do professor de Leipzig: o período de pré-institucionalização universitária, o de pós-institucionalização, o de interesse por parte de geopolíticos brasileiros e o período de ascendência da influência da geografia crítica — época na qual os estigmas se consolidaram, especialmente, a partir da produção de antologias pedagógicas sobre a história do pensamento geográfico.

Em se tratando de Ratzel, a canonização não se deixa traduzir apenas por um estigma em particular, mas por um “complexo estigmatizante” (ANTUNES, 2023) estruturado a partir de chavões como os de “determinista”, “organicista”, “imperialista” e “nazista”. Essas classificações, que apresentam graves deformações com relação aos textos de Ratzel, concorrem para a desconsideração e apagamento das contribuições prestadas pelo autor à geografia, além disso, contribuem para a celebração de encontros preconceituosos entre suas ideias e geógrafos em formação, desestimulando projetos de tradução e desencorajando pesquisas dialógicas com aspectos fundantes da geografia enquanto ciência.

## **METODOLOGIA**

Para a realização desta pesquisa empreendemos um método qualitativo baseado na análise bibliográfica e documental, buscando tanto desvelar aspectos desconhecidos acerca do objeto de pesquisa investigado como complementar informações alcançadas por outras pesquisas. Pesquisamos em bibliotecas físicas e plataformas digitais, operando análises com fontes primárias e secundárias, a partir de livros, artigos científicos, teses e dissertações de materiais contemporâneos e retrospectivos, considerados cientificamente autênticos.

### Entre clássicos e canônicos.

As palavras “clássico”<sup>5</sup> e “canônico” são utilizadas como sinônimos em muitas ocasiões, entretanto, empregaremos o expediente de método que diferencia os dois termos, o que também é proposto por autores como Maddrell (2012), Keighren, Abrahamsson e Dora (2012) e Ribeiro (2021). Assumindo essa diferenciação como de fundo mais historiográfico do que filosófico ou teórico (RIBEIRO, 2021), os clássicos devem ser encarados como aqueles que desempenharam uma função de destaque na formação disciplinar da geografia, remetem ao seu tempo, porém traçam horizontes futuros, escritos cujas estruturas se consolidam em meio a estilos e tendências intelectuais passageiras. São os “textos “fundadores” aos quais continuamos a recorrer em nossa pesquisa e ensino, independente de quando e onde eles foram escritos — textos que, conscientemente ou não, nós escolhemos lembrar” (KEIGHREN, ABRAHAMSSON e DORA, op. cit., p. 299, tradução nossa<sup>6</sup>).

Por outro lado, um “canônico” diz respeito a uma representação textual embargada por estigmas, materiais determinantes para a formação da disciplina, mas que, porém, foram entendidos por uma comunidade (neste caso, a geografia humana) como instrumentos de opressão e manipulação ideológica velada (ALTER, 2000). Estes, portanto, devem ser, a rigor, silenciados e esquecidos, todavia, quando for incontornável remeter a eles, tal abordagem deve ser mobilizada congregando a síntese interpretativa que o canonizou.

Canônico não é apenas o que tem sido distorcido ou abordado superficialmente, mas o que tem sido, de um lado, alçado à condição de intocável por seu capital simbólico (Bourdieu, 2006 [1989], 2004 [1997]) e, portanto, replicado de maneira automática e acrítica; de outro lado, simplesmente silenciado ou como se não existisse ou como se certa interpretação tivesse encerrado de vez a questão. (RIBEIRO, 2021, p. 2).

No Brasil, o termo “canônico” não costuma ser observado em trabalhos geográficos. As simplificações interpretativas valem-se igualmente do vocábulo “clássico” e, em algumas situações, do rótulo “tradicional” para introduzir suas abordagens. Ribeiro (2021) acredita existir uma dicotomia complementar em relação a La Blache, de forma que a sua contribuição

---

<sup>5</sup> Calvino (2007) enuncia que os clássicos não necessariamente nos ensinam algo de modo direto, mas que, às vezes, descobrimos ali algo que sempre soubéramos, ou julgávamos saber, porém desconhecíamos quem havia dito primeiro. E por outro lado “são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (p. 12).

<sup>6</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em inglês: “these are the ‘foundational’ texts to which we continue to turn in our research and teaching, regardless of when and where they were written – texts which, consciously or not, we have chosen to remember”. Extraído do artigo original: On canonical geographies. KEIGHREN, I; ABRAHAMSSON, C; DORA, V. *Dialogues in Human Geography*, v. 2, n. 3, p. 269-312. 2012.

A institucionalização universitária e à teorização da geografia humana faz-se inquestionável, ao passo que esses méritos caminham ao lado do entendimento de seus aprofundamentos teóricos abreviados a uma abordagem “descritiva”, “possibilista” e “regionalista”.

Ao considerar a situação do geógrafo alemão, percebemos algo consideravelmente diferente. De forma similar a La Blache, ao aquilatar a importância de Ratzel, dificilmente alguém se oporia aos méritos da primeira proposta científica explícita em geografia, dedicada a investigar o homem em suas relações, ou a herança deixada a partir da sistematização de conceitos centrais como “fronteira” (*grenzen*), entretanto, o complexo estigmatizante (ANTUNES, 2023) que se estabeleceu sobre a sua figura, composto pelos rótulos de “determinista”, “organicista”, “imperialista” e até “nazista”, estremece com maior intensidade as possibilidades de apreensão da riqueza de sua malha teórica e metodológica.

Observemos um exemplo de cada uma dessas estigmatizações: “Assim, dirá Ratzel, o homem, em todos os seus planos de existência, tanto mental como civilizatória, é o que determina seu meio natural (teoria do determinismo geográfico)” (MOREIRA, 1989, p. 32); “A visão de Ratzel acerca do Estado é chamada pelos estudiosos de “organicista”, por conta de ser enxergado como um organismo vivo, que tenderia a comporta-se segundo as leis que viriam a reger os seres vivos na terra” (PESSANHA E MOURÃO, 2014, p. 221).

Outro desdobramento da proposta de Ratzel manifestou-se na constituição da Geopolítica. Esta corrente, dedicada ao estudo da dominação dos territórios, partiu das colocações ratzelianas referentes a ação do Estado sobre o espaço. Esses autores desenvolveram teorias e técnicas que operacionalizavam e legitimavam o imperialismo. Isto é, discorriam sobre as formas de defender, manter e conquistar os territórios (MORAES, 2005, p. 72).

Busca-se, mediante análise dos acontecimentos históricos que permeiam a unificação alemã até a formação do III Reich, analisar se e de que forma os pensamentos do geógrafo alemão Friedrich Ratzel influenciaram a geopolítica da Alemanha Nazista [...] Contextualizando os momentos em que as ideias de Ratzel e Hitler são passadas para o papel, procura-se afirmar que a política do III Reich nada mais é do que uma releitura da política do império alemão (RAGGI et al., 2008, p. 153).

A caricatura de um “geógrafo do absurdo” constrange as intenções de diálogo, as possibilidades de aprofundamento e consolida a reprodução de críticas a partir de não leituras e/ou leituras de segunda mão.

Mesmo não sendo o objeto central desta pesquisa, é relevante destacar os quatro aspectos principais que concernem a origem e desenvolvimento de cada um desses estigmas e se reiteram sob a forma de representação canônica: a disputa por campos de conhecimento, no âmbito das humanidades, na Europa do século XIX (estigma de determinista), o descompasso e alteridade metodológica (estigma de organicista), o anacronismo conceitual (estigma de

imperialista), a falta de distinção da crítica que se produziu para com três diferentes campos: Geografia Política, Geopolítica e *Geopolitik* (estigma de nazista). Para melhor compreender esses elementos indicamos os trabalhos de Bassin (1987), Sanguin (1990), Carvalho (1997a), Mercier (1995), Antunes (2023).

Essas designações resguardam delicados equívocos científicos de análise. Confrontando-as, respectivamente, com as linhas de Ratzel, visualizamos:

A comparação do Estado com organismos superiores é infértil e, se tantas tentativas de abordagem científica do Estado como organismo permaneceram sem muito sucesso, a principal causa é o seu interesse exclusivo nas analogias entre um agregado humano e a estrutura de um ser orgânico (RATZEL, 1988 [1897], p. 15, tradução nossa<sup>7</sup>)

A cultura é a emancipação da natureza, mas não no sentido de desapego completo, mas no de sua aliança mais ampla e múltipla [...] apenas nos tornaremos independentes de alguns acidentes de seu modo de ser ou de sua marcha, multiplicando os pontos de aliança (RATZEL, 1888 [1885], p. 3, tradução nossa<sup>8</sup>)

O intercâmbio pacífico pode preparar o caminho para esse crescimento, mas no final visa principalmente fortalecer o Estado e empurrar para trás os Estados vizinhos. Tomemos uma grande ou pequena sociedade: ela quer, antes de tudo, se apegar ao território em que vive e do qual vive. Se a sociedade se organiza para essa tarefa, ela se torna Estado. (RATZEL, 1909 [1898-1899], p. 45, tradução nossa<sup>9</sup>)

Com relação à evidenciação das significativas diferenças teóricas e político-estratégicas entre as ideias de Ratzel e o nazismo, seria necessário a oportunidade de um outro escrito para melhor detalhar esta questão. No entanto, de maneira geral, pode-se argumentar que Ratzel reconhecia a unidade biológica da raça humana.<sup>10</sup> O geógrafo de Leipzig via a Europa como

<sup>7</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir da tradução do original em francês: “La comparaison de tat avec des organismes supérieurs est inféconde et si tant essais pour approcher scientifiquement tat comme organisme sont restés sans grand résultat la cause principale en est intérêt exclusif porté aux analogies entre un agrégat humain et la structure un être organique”. Extraído do livro: Géographie politique. F. RATZEL. Tradução: Pierre Rusch e Charles Hussy. Paris: Diffusion Economica, 365p, 1988 [1897].

<sup>8</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir da tradução do original em espanhol: “La cultura es la emancipación de la naturaleza, pero no en el sentido de desprendimiento completo, sino en el de su más amplia y multiple alianza [...] No podremos considerarnos enteramente independientes de la naturaleza, mientras más minuciosamente la explotemos y estudiemos, y sólo nos haremos independientes de algunos accidentes de su modo de ser ó de su marcha, multiplicando los puntos de alianza”. Extraído do livro: Las Razas Humanas. RATZEL, F. Barcelona: Montaner y Simon. V. 1, 1888 [1885].

<sup>9</sup> Tradução livre feita pelo autor a partir do original em alemão: “Der friedliche Verkehr mag dieses Wachstum vorbereiten, es bezweckt endlich doch hauptsächlich die Stärkung des Staates und die räumliche Zurückdrängung der Nachbarstaaten. Nehmen wir eine große oder kleine Gesellschaft: sie will in erster Linie den Boden festhalten, auf dem sie lebt und von dem sie lebt. Organisiert sich die Gesellschaft für diese Aufgabe, so wird sie zum Staat”. Extraído do livro: Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte. RATZEL. Stuttgart. Verlag von j. Bngelhorn. V. 1. 1909 [1898-1899].

<sup>10</sup> “wir haben daher noch keine neue Rasse entstehen sehen. Wir kennen nur Völkervarietäten”. Em tradução livre: “Ainda não vimos surgir uma nova raça. Só conhecemos variedades étnicas” (RATZEL, 1909 [1898-1899], p. 4). Ratzel defendeu a igualdade fundamental entre humanos, de forma a criticar de modo acerbo, em Nacionalidades e Raças (1904), dois dos emissores mais importantes do fanatismo racial do século XIX e precursores do nazismo enquanto ideologia: Houston Stewart Chamberlain e Artur de Gobineu (BASSIN, 1987).

uma região inacessível, já ocupada e esgotada em termos de oportunidades. Enquanto isso, Hitler acreditava que o território ideal para expansão, em um primeiro momento, consistia nas terras agrícolas eslavas a leste da Alemanha, e, posteriormente, na dominação de todo o continente por meio da evacuação e reassentamento de grupos étnicos considerados biologicamente inferiores. A conexão entre Ratzel e Hitler geralmente é estabelecida através da figura do general geógrafo Karl Haushofer. No entanto, é importante notar que existem diferenças significativas entre a Geografia Política de Ratzel e a *Geopolitik* de Haushofer. Além disso, as principais diretrizes táticas e estratégicas de Haushofer foram muitas vezes ignoradas e até mesmo combatidas pelo regime.<sup>11</sup>

Estamos de acordo com Berdoulay (2003) com relação à característica de “discursividade” da geografia não ser só um elemento de reflexão sobre a história da disciplina, mas uma possibilidade de analisar empiricamente a dinâmica dos lugares e das paisagens resultantes. Nesse sentido, acreditamos existir uma correspondência entre a intrincada e complexa geo-história<sup>12</sup> interpretativa do referido autor no Brasil e a construção de um paradigma de resistência aos seus trabalhos.

### **Canonização à brasileira.**

João Capistrano de Abreu<sup>13</sup> (1853-1927) foi, ao que se sabe, o primeiro brasileiro a mencionar Ratzel em um breve artigo de duas páginas em 1904, reconhecendo-o como o pioneiro em incorporar aspectos humanos aos estudos das ciências naturais. Ratzel é apontado como uma figura científica que enfatizou as análises relacionais, integrando elementos naturais e humanos. Abreu observou que “Martius apprehendeu a divisão geographica natural, fundada sobre a Flora, a Fauna, o homem, e tem paginas de que só podemos medir todo o alcance depois

---

<sup>11</sup> Enquanto Haushofer prezava por uma concepção pangermânica de longo prazo, o desejo hitleriano era pela constante atualização dos planos de conquistas e fundamentos táticos orientados pelo contexto da política da hora. Outra divergência fundamental entre eles era sobre a aliança com a Itália, aspecto que causou até a censura de um dos livros de Haushofer (COSTA, 1992).

<sup>12</sup> Entendendo geo-história como uma aproximação metodológica que busca “identificar as lógicas particulares da configuração do território em suas formas mais duráveis” (DROULES, 2001, p. 273).

<sup>13</sup> Abreu é reconhecido como um dos proeminentes historiadores na história moderna do Brasil. Além de suas contribuições como linguista e etnógrafo, ele era um crítico incisivo dos estudos geográficos predominantes no Brasil. Segundo ele, tais estudos eram caracterizados por “simple estudo de memória, simple enfiada de nomes, sem ligação podendo ser recitados em qualquer ordem, contanto que fossem numerosos” (1904, p. 212). Ele ocupava o cargo de professor de história e corografia, enquanto também atuava como pesquisador na biblioteca nacional, sendo reconhecido por suas traduções dedicadas de cientistas alemães, como Wappäus (1884) [1871] e Kirchoff (1902) [1901]. Abreu é possivelmente o pioneiro e, com certeza, um dos principais responsáveis pela divulgação da *Antropogeographie* no Brasil (MACHADO, L. 1995).



que Ratzel, há uns vinte anos lançou as bases da *anthropogeographia*” (ABREU, 1904, p. 211).

Os debates da época se concentravam em identificar os fatores que influenciaram a organização social e territorial do Brasil, na busca por entender as razões por trás do "atraso" do país.

De acordo com Machado (1995), é possível que Abreu tenha sido influenciado pelo historiador alemão Ranke (1795-1886), que promoveu a importância de consultar as "fontes primárias" em estudos históricos, impactando o campo no século XIX. A autora sugere que a abordagem ideográfica de Abreu apresentava semelhanças notáveis com a de Ranke. No período pré-institucional, também é observado que muitos autores, incluindo Abreu, não citavam explicitamente as fontes de suas referências. No entanto, o fato dele e outros importantes estudiosos do movimento em prol de uma geografia moderna no Brasil, como Carlos Delgado de Carvalho (1884-1980) e Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951), dominarem o idioma alemão sugere que eles liam as obras de Ratzel diretamente, sem intermediários.

Em uma correspondência ao historiador e poliglota português, João Lúcio de Azevedo, em 1917, Abreu dizia:

Aqui no Rio só fiz duas aquisições: saber do alemão o bastante para lê-lo na rede, sem estar me levando a cada instante para recorrer ao dicionário; e através de Wappoeus [sic], Poschel [sic] e Ratzel compreender que a geografia é tão bela ciência como difícil (RODRIGUES, 1977, p.38 apud MARTINS, 1993, p. 4)

Backheuser foi um dos geopolíticos brasileiros mais influentes e politicamente ativos, moldando consideravelmente suas ideias com base nas teorias de Ratzel. Apreensivo com os “perigos do regionalismo”, da “fragmentação territorial” e dos “bolsões demográficos”, em meio à dominação política de São Paulo e Minas Gerais na Primeira República, ele se empenhou em promover a integração nacional, incentivando a ocupação do interior do país e advogando pela centralização do poder, por meio da mudança da capital federal para o centro geográfico do Brasil (ANSELMO, 2006; CRESTANI, 2020). Backheuser recorreu a conceitos de Ratzel, como os "graus de cultura" e a noção de localização (*lage*), para argumentar que “em boa teoria o melhor lugar para a capital é o centro do país” (BACKHEUSER, 1933, p. 109).

Um ponto notável observado por Machado, L. (1995) é que Backheuser já estava ciente da forte crítica feita por Lucien Febvre a Ratzel (1922), no entanto, ao contrário de interpretações posteriores, ele reconheceu a "famosa teoria das possibilidades" como nada mais do que a própria teoria de Ratzel "inteligentemente e amplamente interpretada".

A institucionalização dos cursos de geografia a nível universitário no Brasil teve início com a criação da primeira faculdade de Geografia, em 1934, durante a fundação da Universidade de São Paulo. O Rio de Janeiro e São Paulo tinham projetos políticos e



universitários diferentes: enquanto a capital federal buscava centralização e a construção de uma identidade nacional, em São Paulo predominava uma abordagem regional/liberal, com o intuito de formar uma elite governante com ênfase em competências técnicas e valores morais (MACHADO, M., 2020). Paulo Duarte e Júlio de Mesquita Filho, dois dos principais articuladores da instituição, optaram pelo modelo universitário francês, sendo cuidadosos na seleção dos professores (ANSELMO E BRAY, 2002):

Ora, éramos irredutivelmente liberais, tão convictamente liberais, que nos julgávamos na obrigação de tudo fazer para que o espírito que respirasse a organização da Universidade se mantivesse exacerbadamente liberal (...). Conservávamos para a França, líder da liberal-democracia, aquelas de que dependia diretamente a formação espiritual dos futuros alunos: filosofia, sociologia, economia política, política, geografia humana, letras clássicas e literatura francesa. As demais – química e história natural – seriam preenchidas por alemães expulsos, ou em vésperas de o ser, de sua pátria pelo hitlerismo. Assim, evitava-se a quebra do sentido liberal da evolução brasileira (...). As futuras ‘elites’ não seriam vítimas da deformação intelectual resultante da prédica, nas cátedras, de teorias esdrúxulas, que repugnavam à índole e às tendências inatas da nossa gente. (MESQUITA FILHO apud SCHWARTZMANN, 1979, p. 200).

Com a chegada de um grupo de intelectuais franceses, em particular Pierre Deffontaines em 1934 e Pierre Monbeig em 1935, a São Paulo, e com o crescente impacto da Universidade de São Paulo (USP) na geografia científica do Brasil, a abordagem antropogeográfica de Ratzel perdeu espaço. Os geógrafos franceses que lideraram esse movimento basearam-se nas teorias de La Blache<sup>14</sup>, juntamente com as inovações metodológicas de Albert Demangeon, como suas principais referências teóricas. Essas abordagens coexistiram com a influência dos escritos de Jean Brunhes<sup>15</sup>, que já eram amplamente aceitos e usados pelos geógrafos brasileiros<sup>16</sup>.

Além disso, é importante considerar que esses geógrafos franceses já estavam cientes das críticas a Ratzel feitas por sociólogos como Durkheim (1898) e Mauss (1904), publicadas nos *L'Année Sociologique*, assim como as críticas apresentadas nos *Annales de Géographie* por

<sup>14</sup> “Como prática de pesquisa, a herança de Vidal de la Blache ainda ficou presente nas práticas de investigação” (SPOSITO, 2004, p. 166).

<sup>15</sup> Embora Brunhes e Demangeon tenham tido perspectivas distintas sobre o impacto da modernização econômica na organização da estrutura agrária (LIRA, 2019).

<sup>16</sup> A influência de Brunhes sobre os geógrafos brasileiros começou no início do século, a partir do destaque que ele atribuía ao esforço humano e a indústria na adaptação ao ambiente físico. Um dos discípulos de La Blache tornou-se mais famoso do que seu próprio mestre, que só passou a ser amplamente reconhecido a partir de 1910 (MACHADO, L., 2000). Em "La Géographie de l'Histoire: Géographie de la Paix Et de la Guerre Sur Terre Et Sur Mer" (1921), editado por Camille Vallaux e Jean Brunhes, uma crítica dirigida à concepção "geral" do Estado de Ratzel levou à rejeição de seu "determinismo territorial". Isso porque seria a sociedade quem determina o papel do Estado e não o contrário. “Ratzel néglige de distinguer dans Le Staatsgebiet les parties de la terre ou L'organisation de L'Etat parait sortir spontanément du sol et celles où elle est importée du dehors”. Em tradução livre: “Ratzel esquece de distinguir no Staatsgebiet [termo alemão para designar território sobre o qual se estende a soberania de um Estado] as partes da terra onde a organização do Estado parece emergir espontaneamente do solo e aquelas onde ela é produzida de fora” (p. 274).

geógrafos como Sion (1904) e Hückel (1906), além da análise de Febvre (1922). Nesse momento inicial, houve um processo de introdução da representação canônica, como consequência do desejo pela demarcação de diferenças em termos de método. Já existia uma sugestão interpretativa, porém não havia sido estabelecida, no Brasil, uma sistematização didática canônica em relação aos clássicos da geografia.

Pierre Monbeig (1945), em seus estudos sobre a produção de cacau no sul da Bahia, criticou o "determinismo ratzeliano" para demarcar sua concordância com o método regional, que buscava integrar aspectos humanos e naturais. Ele argumentou que: “No estado atual de nossos conhecimentos, o trabalho do geógrafo baseia-se essencialmente no estudo regional: só o desenvolvimento de semelhantes estudos permitiu que abrandassem os velhos princípios do determinismo ratzeliano” (MONBEIG, 1945, p. 1878).

Se na vanguarda da geografia científica que insurgiu no Brasil as ideias de Ratzel foram criticadas, inclusive por alemães que por aqui aturam e produziram significativa influência, como Leo Waibel<sup>17</sup>, geopolíticos militares como Travassos (1938), Rodrigues (1947) e Golbery do Couto e Silva (1955), continuavam a reconhecer o professor de Leipzig como uma figura intelectual fundamental. Em seus trabalhos, enfatizava-se o “perfil fisiográfico” brasileiro como o fator primordial a ser levado em consideração no planejamento da logística política e estratégica do país, e o nome de Ratzel era mencionado para embasar essas conexões. No entanto, não recorriam diretamente aos textos originais de Ratzel. Suas interpretações eram influenciadas por uma variedade de autores, incluindo Semple, Kjéllen, Mackinder, Spykman e Haushofer. Entre os geopolíticos brasileiros, havia um interesse comum em adotar medidas preventivas contra o separatismo e ameaças externas, tudo em busca do progresso da nação.

Neste momento, focaremos no exemplo de Travassos (1938). Este autor, com o objetivo de desenvolver uma teoria que sustentasse a defesa da hegemonia brasileira e ao mesmo tempo contivesse a expansão da influência argentina e estadunidense no continente, elaborou um plano de infraestrutura de transporte baseado nos "acontecimentos geogênicos". Conforme indicado em sua bibliografia, o único trabalho de Ratzel que ele consultou foi “*El mar como fuente de la grandesa de las naciones*”.<sup>18</sup> A *Antropogeografia* de Ratzel, que serviu como base teórica para sua proposta, foi abordada apenas por meio da releitura realizada por Semple (1911). Um

---

<sup>17</sup> “Entendemos por determinismo geográfico o conceito de que os elementos da geografia humana sejam determinados principalmente pelos fatores naturais, ou melhor, físicos. Este conceito foi introduzido na geografia por Frederich Ratzel. Em contraste com esta filosofia materialista, Vidal de la Blache, na França, e Alfred Hettner, na Alemanha, afirmaram que os fatores físicos não exercem influência determinativa e que a consideração de tais fatores pode chegar somente a ‘possibilidade’.” (WAIBEL, 1961, p. 613).

<sup>18</sup> Tradução em espanhol de *Das Meer als Quelle der Völkergröße* (1891).

pondo interessante a ser observado é que o trabalho de Febvre também foi mencionado como uma fonte consultada no original, talvez por isso o autor tenha expressado uma certa cautela ao avançar na apresentação de suas propostas, ressaltando que isso não "implicava concordância com quaisquer determinismos" (TRAVASSOS, 1938, p. 163).

O momento analítico que se segue é considerado o mais relevante na construção do "Ratzel canonizado", que representa a forma como a maioria dos geógrafos brasileiros aprendeu a enxergá-lo. A positiva e necessária virada crítica da disciplina, um marco significativo no Brasil, especialmente a partir da década de 1970, questionou a ligação estratégica da geografia com o Estado e nos alertou sobre as contradições sociais e econômicas presentes em nosso território. Contudo, foi nesse período que se estabeleceu uma estrutura didática que associou estigmas a autores clássicos da geografia.

O contexto de ruptura do compromisso ideológico velado entre o capitalismo e a geografia quantitativa, no cenário da Guerra Fria e das lutas pela democracia e contra a ditadura no Brasil, combinado com a influência intelectual europeia, notadamente de geógrafos franceses, nos conduziram a uma renovação produtiva dos manuais de geografia humana e história do pensamento geográfico. Esses manuais, redigidos à luz do marxismo, por respeitadas pesquisadores que contribuíram significativamente para o avanço da geografia brasileira, também trouxeram a característica de criticar figuras associadas ao capitalismo imperialista, considerando-os autores a serem confrontados e evitados. No caso de Ratzel, essa situação foi agravada, pois já existia uma vasta rede de interpretações secundárias originadas no exterior que o retratavam como determinista, positivista estrito, organicista e um catalisador teórico do nazismo<sup>19</sup>. Esses problemas foram adicionados à complexidade do cenário.

Esses elementos propiciaram o surgimento da primeira grande crítica brasileira a esse respeito, que foi realizada por Sodré (1976). O autor, em um manual abrangente sobre geografia humana intitulado "Introdução à Geografia", dedicou uma seção especial ao tema "O Determinismo Geográfico", identificando Ratzel como a "ponta inicial do longo fio do determinismo" (SODRÉ, 1976, p. 48). Foi atribuída ao pensador alemão a responsabilidade por estabelecer as bases ideológicas que deram origem a perversas cartilhas geopolíticas.

Miyamoto, inicialmente em sua dissertação (1980) e posteriormente em um artigo que alcançou grande notoriedade (1981), argumentou que a teoria de Ratzel desempenhou um papel de influência fundamental sobre os geopolíticos brasileiros. O autor combinou os rótulos de "organicista" e "determinista" para afirmar que: "Esta postura que considera o Estado como

---

<sup>19</sup> Yves Lacoste declarou que a geopolítica não era, ao contrário do que se acreditava, um "conceito hitleriano", tampouco se limitava aos "raciocínios de Ratzel e seus seguidores nazistas" (1983, p. 4).

organismo dotado de características orgânicas ficou conhecida como escola determinista (a geografia é que determina os destinos de uma nação)” (MIYAMOTO, 1980, p. 77). Também se estabelecem conexões diretas entre a influência de Ratzel sobre Haushofer e a influência de Haushofer sobre Hitler.

Em obras amplamente reconhecidas na história do pensamento geográfico, que desempenham até hoje um papel crucial na formação de geógrafos brasileiros<sup>20</sup>, é possível observar a canonização. Moraes (1981) destacou que, na visão de Ratzel, o poder de influência do ambiente natural se daria em uma escala que varia entre a fisiologia (somatismo) e a psicologia (caráter), começando nos indivíduos e, posteriormente, afetando a sociedade como um todo. Em um livro de origem portuguesa amplamente lido no Brasil, dedicado à evolução do pensamento geográfico, Ferreira e Simões (1986) classificaram Ratzel como um proponente da corrente determinista. Corrêa (1986, p. 5), após apresentar as “principais correntes de pensamento geográfico” (determinismo ambiental, possibilismo, método regional, a nova geografia e a geografia crítica), escreveu que: “Na geografia, no entanto, as idéias deterministas tiveram no geógrafo alemão Friedrich Ratzel seu grande organizador e divulgador”. Andrade (1987, p. 84), por sua vez, afirmou que Ratzel:

[...] encarou o homem como uma espécie animal e não como um elemento social, tentando explicar a evolução da humanidade dentro dos postulados de Darwin. [...] Esta concepção levou geógrafos ingleses e americanos, sobretudo, ao determinismo declarado, de vez que para eles o homem era um produto do meio.

Ruy Moreira (1989, p. 32) rotulou-o de forma semelhante: “Assim, dirá Ratzel, o homem, em todos os seus planos de existência, tanto mental como civilizatória, é o que determina seu meio natural (teoria do determinismo geográfico)”.

No Brasil, no que diz respeito aos textos de Ratzel, as traduções<sup>21</sup> foram antecedidas pelas “retraduções”.<sup>22</sup> A primeira retradução ocorreu durante o período da ditadura militar, em 1983, graças aos esforços do então estudante de mestrado, Mário Antônio Eufrásio (USP).

---

<sup>20</sup>Estamos fazendo referência a obras como: *Geografia: Pequena História Crítica* (1981); *Região e Organização Espacial* (1986); *Geografia, Ciência da Sociedade: Uma introdução à análise do pensamento geográfico* (1987); e *O que é Geografia?* (1989).

<sup>21</sup>Ribeiro (2021) considera as traduções como objetos da geografia. O autor destaca a relevância de desnaturalizar essas traduções, interpretando-as como ações. Essas ações são vistas como geopolíticas, influenciando diretamente a produção de conhecimento. O papel dos “geotradutores” brasileiros, identificados como agentes cruciais na circulação do conhecimento científico, é minuciosamente analisado como parte integrante do processo formativo da história da geografia em países periféricos.

<sup>22</sup> Luciana Martins, na época uma estudante de pós-graduação em Geografia na UFRJ, foi a responsável por oferecer à comunidade geográfica brasileira a primeira tradução das obras de Ratzel diretamente dos originais em 1993.



Eurasio traduziu para o português o artigo *Le Sol, la société et l'état*, uma tradução francesa do texto em alemão, produzida por Durkheim nos *L'Année Sociologique* (1898-1899). O texto foi publicado na Revista do Departamento de Geografia da USP e recebeu pouca atenção ao longo dos anos. Uma possível explicação para isso pode ser o fato de que, alguns anos depois, o livro "Ratzel" (1990) foi lançado.<sup>23</sup>

"Ratzel" (1990) foi publicado sob a autoria de Antonio Carlos Robert Moraes, sendo parte da coleção "Grandes Cientistas Sociais" da editora Ática, que contou com a organização de Florestan Fernandes. O trabalho é dividido entre introdução e quatro capítulos que contêm traduções de fragmentos selecionados de algumas obras de Ratzel. Na introdução, o autor justifica a escolha dos textos, contextualizando e refletindo sobre os méritos e limites das teorias de Ratzel. Moraes, ao mesmo tempo em que considera as contribuições do geógrafo alemão à ciência geográfica, realiza duras críticas, algumas pertinentes, como com relação à perspectiva expansionista, presente na *Politische Geographie*, outras nem tanto, que corroboraram com a análise simplista.

A limitação da investigação às obras mais populares e comerciais levou a problemas, como a representação de Ratzel como um pensador que adotava inteiramente o método positivista, levando a pensar que: "Não transita em sua argumentação nenhum elemento de metafísica ou de subjetivismo" (MORAES, 1990, p. 12). Essa ideia restringe severamente a capacidade de apreciar a riqueza da subjetividade presente em sua abordagem, um aspecto fundamental para aprofundar a compreensão das intenções e significados propostos pelo autor.

24

Quanto ao determinismo, identificamos uma postura ambígua. Embora indique a desconsideração da importância dos fenômenos humanos por Ratzel, afirmando que, na visão do pensador alemão, "a sociedade passa a ser vista como elemento passivo, que apenas reage a uma causalidade que lhe é exterior. O homem torna-se, assim, efeito do ambiente" (Ib., p. 13). Moraes também argumenta que Ratzel foi "um crítico do determinismo simplista" e que não poderia ser colocado no mesmo grupo de autores genuinamente deterministas, como, segundo ele, Ellen Semple.

---

<sup>23</sup> MORAES, A. C. R. *Ratzel*. 199p. São Paulo: Ática, 1990.

<sup>24</sup> Referimo-nos ao estilo e abordagem metodológica de Ratzel, que buscou "escrever através da visão", distinguindo entre o sentimento pela natureza (*Naturgefühl*) e o sentido da natureza (*Natursinn*). Ele tentou desenvolver um esquema explicativo que transcendesse a mera descrição e se empenhou em explicar a impressão da natureza no "espírito do observador", especialmente durante os momentos de contemplação. Isso pode ser comparado a uma espécie de poética da materialização (HELMOT, 1906).

Essa obra representou uma contribuição inestimável para a familiarização dos geógrafos brasileiros com os conceitos, métodos e interesses de Ratzel. No entanto, na época, embora tenha havido um aumento significativo no número de títulos traduzidos, foi feita uma nova retradução.<sup>25</sup>

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme exposto a partir da investigação, apesar de ser rotulado como um autor “clássico da geografia”, Friedrich Ratzel teve suas ideias vinculadas a um conjunto de estigmas, que, ao longo do trânsito das geohistórias interpretativas e das tendências teóricas e metodológicas que se consolidaram no âmbito da geografia nacional, fizeram com que ele fosse alçado à condição de autor canônico.

É preciso salientar que este trabalho, que se dedica aos principais momentos de aproximação entre o saber geográfico no Brasil e as ideias de Friedrich Ratzel, possui um recorte que vai desde o período de pré-institucionalização da geografia universitária até o começo da década de 1990, pois entendemos que esse período é fundamental para a compreensão dos processos que levaram a consolidação do imaginário que a maior parte dos geógrafos brasileiros apresenta quando ouve falar desse autor.

Não abarcamos, portanto, os animadores amadurecimentos revisionistas com relação a essa temática, trabalhos desenvolvidos a fim de: lançar um olhar crítico sobre os equívocos interpretativos, rememorar a importância de suas contribuições à geografia e investigar facetas pouco exploradas de seus textos. Este movimento, que ganhou força no final dos anos de 1980, a partir da tradução de *Politische Geographie* em duas versões, em 1987 e 1988, para o francês, e da tradução de *Städte und Kulturbilder aus Nordamerika* (1988) [1876] para o inglês, teve nos trabalhos de Vallega (1989); Sanguin (1990) e Mercier (1992) etc, a expressão da importância da revisão sobre seus escritos.

No Brasil esse processo se fortaleceu a partir da segunda metade da década de 1990, especialmente com os trabalhos de Martins (1992; 1993) e Carvalho, M (1997a, 1997b). Com o crescimento dos acervos digitais, dinamização dos intercâmbios internacionais e a intensificação de viagens de pesquisa no exterior, a situação ganhou novos contornos. A partir da década de 2010, “geotradutores” brasileiros como Carvalho (2010), Souza e Reichenheim

---

<sup>25</sup> Os trabalhos que passaram por retradução incluíram os cinco primeiros capítulos do primeiro volume de "Antropogeografia" (traduzido do italiano), os quatro primeiros capítulos do primeiro volume de "As Raças Humanas" (traduzido do italiano), o estudo de Ratzel sobre a Córsega (traduzido do francês) e o artigo "As Leis do Crescimento Espacial" (traduzido do inglês).

(2016); Arantes (2019a, 2019b, 2019c); Seeman e Pedrosa (2019); Oliveira e Seeman (2021), ofereceram ricas traduções de alguns textos do geógrafo alemão à comunidade brasileira.

Todavia, engana-se quem acredita que as associações entre Ratzel e os estigmas cessaram. Existiu (e ainda existe) uma massiva tradição arraigada à elaboração de textos gerais na geografia que frequentemente negligência essas atualizações. A predominância teórica da canonização é significativa, principalmente porque fornece rótulos que, de maneira simplificada, “encaixam” autores em uma estrutura de pensamento cartesiano.

A simplificação das heranças intelectuais da história do pensamento geográfico tem um impacto prejudicial nas oportunidades de aprofundamento em relação às bases fundamentais da nossa ciência. Isso também enfraquece a motivação para realizar traduções, prejudica a identificação de interesses comuns e desencoraja pesquisas interativas com o passado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os esforços de tradução, revisão e exposição de distorções, que são publicados em periódicos científicos, têm seu mérito, mas precisam ser complementados por outras ações educacionais para efetuar mudanças mais substanciais. A insatisfação com as narrativas canônicas é promissora para o avanço da geografia, no entanto, essa insatisfação deve transcender a "bolha" acadêmica do sub-campo de História do Pensamento Geográfico e se refletir nas ementas de professores universitários. Esses docentes, muitas vezes os principais responsáveis por mediar a aproximação entre geógrafos em formação e os autores clássicos, ainda mantêm, consideravelmente, em seus repertórios, esses materiais que podem criar barreiras a uma compreensão mais ampla e resultar em encontros hostis e pouco formativos.

Certamente, não é razoável esperar que os professores realizem uma revisão completa e detalhada de cada pensador abordado em sala de aula. No entanto, é possível lutar por um maior aprimoramento na seleção dos materiais didáticos que embasam suas aulas. Além disso, a atenção às edições revisadas de antologias pedagógicas sobre a história do pensamento geográfico é uma ferramenta valiosa. Além dessas ações, é essencial promover encontros na comunidade geográfica dedicados não apenas a este tema, mas também às estruturas dominantes na tradição teórica de nossa disciplina. Isso inclui a reflexão sobre a acessibilidade de textos clássicos e as barreiras linguísticas. Essas discussões devem ultrapassar os simpósios de teoria e metodologia em geografia e história do pensamento geográfico, chegando aos grandes congressos para que sejam objeto de reflexão por geógrafos de diversas áreas (ANTUNES, 2023).

O que está em jogo vai além de simplesmente capacitar os estudantes de geografia sobre a herança intelectual do passado. Isso diz respeito à capacidade de produzir um conhecimento crítico sobre como a disciplina tem evoluído e o que está planejado para o futuro. A formatação de tendências antagônicas e/ou complementares de encaixe espontâneo, sem considerar a historicidade dos fenômenos espaciais e que se baseiam exclusivamente no presente, tem o efeito de condicionar futuros pesquisadores a uma visão pragmática e monolítica de como a geografia contemporânea se relaciona com as concepções do passado. Isso acaba obscurecendo a diversidade e complexidade da geografia, bem como sua natureza multifacetada e sujeita a contestações (LIVINGSTONE, 1995); (KEIGHREN, ABRAHAMSSON e DELLA DORA, 2012).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, J. A Geografia no Brasil. Rio de Janeiro: **Almanaque Brasileiro Garnier**, p. 210-212, 1904.
- ALTER, R. Canon and Creativity: Modern Writing and the Authority of Scripture. New Haven: **Yale University Press**, 2000.
- ANDRADE, M. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: **Atlas**, 1987.
- ANSELMO, R. Sistematização/institucionalização da geografia e formação nacional brasileira: revendo a influência de Everardo Backheuser. **Geografia**, v. 31, n. 2, p. 241-255, 2006.
- ANSELMO, R; BRAY, S. Geografia e geopolítica na formação nacional brasileira: Everardo Adolpho Backheuser, p. 109-119. In:Do natural, do social e de suas interações: visões geográficas. GERARDI, L; MENDES (org). Rio Claro: **AGETEO; UNESP**, 2002
- ANTUNES, T. A. Friedrich Ratzel e os estigmas: a construção de um determinista geográfico. 158fls. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, **Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2023.
- BACKHEUSER, E. Problemas do Brasil: estrutura geopolítica: o espaço. Rio de Janeiro: **Omnia**, 1933.
- BASSIN, M. Imperialism and the nation state in Friedrich Ratzel's political geography. **Progress in human geography**, v. 11, n. 4, p. 473-495, 1987.
- BERDOULAY, V. A abordagem contextual. **Espaço e cultura**, n. 16, 2003.
- BRAUDEL, F. Géohistoire: la société, l'espace, le temps, p. 68-114. In: Les ambitions de l'histoire. Paris: **Livre de Poche**. p. 68-114. 1999.
- CALVINO, I. Por que ler os clássicos. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2007.





CARVALHO, M. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844-1904). **Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, n. 34, 1997b.

CARVALHO, M. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? **Biblio3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, n. 25, 1997a.

CORRÊA, R. Região e organização espacial. São Paulo: **Ática**, 1986.

COSTA, W. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: **Edusp**, 1992.

COUTO e SILVA, G. Planejamento estratégico. Rio de Janeiro: **Biblioteca do Exército**, 1955.

CRESTANI, R. A influência de Friedrich Ratzel no pensamento geopolítico militar brasileiro. In: Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado; **Colóquio de Geografias Territoriais Paranaenses e Semana de Geografia da UEL**, p. 38-64, 2020.

DE SOUZA, C; PEREIRA, F. Geografia: relações científicas e análise de métodos. **Revista Cerrados (Unimontes)**, v. 15, n. 2, p. 347-367, 2017.

DROULERS, M. Brésil: une géo-histoire. Paris: **Presses Universitaires de France**. 2001.

DURKHEIM, E. Morphologie Sociale. **L'Année Sociologique**, v. 2, p. 520-532, 1898.

FEBVRE, L. A Terra e a Evolução Humana: introdução geográfica à história. 2. ed. Lisboa: **Cosmos**, 1991 [1922].

FERREIRA, C; SIMÕES, N. A evolução do pensamento geográfico. Lisboa: **Gradiva Publicações Ltda**, 1986.

FISHELOV, D. Dialogues with / and Great Books: The Dynamics of Canon Formation. Eastbourne: **Sussex Academic Press**, 2010.

HÜCKEL, G. La géographie de la circulation: selon Friedrich Ratzel. **Annales de Géographie. Armand Colin**, v. 15, n. 84, p. 401-418, 1906.

KEIGHREN, I; ABRAHAMSSON, C; DELLA DORA, V. On canonical geographies. **Dialogues in Human Geography**, v. 2, n. 3, p. 296-312, 2012.

LACOSTE, Y. Editorial. Hérodote: **Revue de géographie et de géopolitique**, n. 28, p. 3-6, 1983.

LIRA, L. O Brasil, a geo-história e Pierre Monbeig. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 26, p. 649-656, 2019.

LIRA, L. Pierre Monbeig e a formação da geografia brasileira: uma ciência no contexto do capitalismo tardio. Erosão dos valores literários, “tentação à ação” e sistematização do método (1925-1957). 418 fls. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, **Universidade de São Paulo**, 2017.

LIVINGSTONE, D. Geographical Traditions. **The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers)**, v. 20, n. 4, pág. 420-422, 1995.



MACHADO, L. As idéias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. **Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 2, 2000.

MACHADO, L. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930), p. 309-352. In: Geografia: conceitos e temas. CASTRO, I; GOMES, P; CORRÊA, R. (org). Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 1995.

MACHADO, M. A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro. **GEOgraphia**, v. 2, n. 3, p. 123-140, 2000.

MADDRELL, A. Treasuring classic texts, engagement and the gender gap in the geographical canon. **Dialogues in Human Geography**, v. 2, n. 3, p. 324-327, 2012.

MARTINS, L. Friedrich Ratzel através de um prisma. 1993. 128 fls. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia. **Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1993.

MARTINS, L. Friedrich Ratzel hoje: a alteridade de uma geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 54, n. 3, p. 105-113, 1992.

MAUSS, M; BEUCHART, H. Essai Sur Les Variations Saisonnières Des Sociétés Eskimos/ Étude de Morphologie Sociale”. **L’Année Sociologique**, v. 9. p. 38-124, 1904.

MERCIER, G. La région et l’État selon Friedrich Ratzel et Paul Vidal de la Blache. In: Annales de Géographie. **Armand Colin**, v. 104, n. 583. p. 211-235, 1995.

MERCIER, G. La théorie géographique de la propriété et l’héritage ratzélien. **Cahiers de géographie du Québec**, v. 36, n. 98, p. 235-250, 1992.

MIYAMOTO, S. Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. Perspectivas. **Revista de Ciências Sociais**, v. 4, 1981.

MIYAMOTO, S. Pensamento geopolítico brasileiro: 1920-1980. 1980. 257 fls. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, **Universidade de São Paulo**. São Paulo, 1980.

MONBEIG, P. Os problemas geográficos do cacau no sul do Estado da Bahia. **Boletim Geográfico**, v. 2, n. 24, p. 1878-1883, 1945.

MORAES, A. Geografia. Pequena História Crítica. 20. ed. São Paulo: **Annablume**, 2007.

MORAES, A. Geografia. Pequena história crítica. São Paulo: **Hucitec**, 1981.

MORAES, A. Ratzel. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: **Ática**, 1990.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. 20ª Ed. São Paulo: **Annablume**, 2005.

MOREIRA, R. O que é geografia? São Paulo: **Brasiliense**, 1989.



PESSANHA, S.; MOURÃO, P. A Obra de Friedrich Ratzel: uma análise crítica acerca da lógica territorialista dos Estados Modernos. In: **Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território**. 2014.

POWELL, R. C. Echoes of the new geography? History and philosophy of geography I. **Progress in Human Geography**, v. 36, n. 4, p. 518-526, 2012.

RAGGI, R.; MELLO, R.; RICK, V. (2008). A Influência da Teoria Ratzeliana na Adoção do Lebensraum pelo III Reich. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 18, n. 1, p. 153-168, 2008.

RATZEL, F. Anthropogeographie. erster teil: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte, v. 1. Stuttgart. **Verlag von J. Neumann, Neuberger, Engelhardt, Leipzig**, 1909 [1898-1899].

RATZEL, F. Das Meer als Quelle der Völkergröße. Munique: **Oldenbourg**, 1891

RATZEL, F. Geografia política (prefácio da primeira e da segunda edição). Tradução: Marquessuel Dantas de Souza e Gabriel Reichenheim. **GEOgraphia**, n. 37, 233-236. 2016 (1903) [1897].

RATZEL, F. Géographie politique. Tradução de Pierre Rusch. Direção científica: Charles Hussey. Genebra: Paris: **Diffusion Economica**, 1988 [1897].

RATZEL, F. Las Razas Humanas. V. 1. Barcelona: **Montaner y Simon**, 1888 [1885].

RATZEL, F. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. Parte II. Tradução: Leonardo Arantes. **GEOgraphia**, n. 46, 120-130, 2019c [1901].

RATZEL, F. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. Parte III. Tradução: Leonardo Arantes. **GEOgraphia**, n. 47, 115-129, 2019b

RATZEL, F. O espaço da vida: um estudo biogeográfico. Tradução: Leonardo Arantes. **GEOgraphia**, n. 45, 107-116, 2019a [1901].

RATZEL, F. O solo, a sociedade e o Estado. Tradução de Mário Antônio Eufrásio. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 2, p. 93-101, 1983 [1898].

RATZEL, F. País e paisagem na alma do povo norte americano. Tradução: Jörn Seemann e Breno Viotto Pedrosa. **Espaço e Cultura**, n. 46, p. 147-166, 2019 [1902].

RATZEL, F. Politische Geographie. Munique: **Oldenbourg**, 1897.

RATZEL, F. Sobre a interpretação da natureza. Tradução: Marcos Bernardino de Carvalho. **GEOgraphia**, v. 12, n. 23, p. 157-176, 2010 (1906) [1904].

RATZEL, F. SOBRE A NARRAÇÃO DA NATUREZA. Tradução: Oliveira e Seemann. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, 17 set. 2021.

RATZEL, F. Städte- und Kulturbilder aus Nordamerika. Leipzig: **Brockhaus**, 1876

RATZEL, Frédéric. Le sol, la société et l'État. **L'Année sociologique** (1896/1897-1924/1925), v. 3, p. 1-14, 1898.



RIBEIRO, G. Descanonização e descolonização de clássicos e canônicos na geografia brasileira e internacional. **Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 15, 2021.

RODRIGUES, L. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro: **Biblioteca Militar**, 1947.

SANGUIN, A. En relisant Ratzel. In: **Annales de Géographie. Armand Colin**, v. 99, n. 555, Set, p. 579-594, 1990.

SCHWARTZMANN, S. Formação da comunidade científica no Brasil. Rio de Janeiro: **FINEP**, 1979.

SEMPLE, E. Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Anthro-Geography. Nova Iorque: **Henry Holt and Company**, 1911.

SION, J. La seconde édition de la politique géographique. **Annales de Géographie. Armand Colin**, v. 13, n. 68, p. 171-173, 1904.

SODRÉ, N. Introdução à Geografia. Petrópolis: **Vozes**, 1976.

SPOSITO, E. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: **Editora da UNESP**, 2004.

TRAVASSOS, M. Projeção continental do Brasil. 3. ed. São Paulo: **Companhia Editorial Nacional**, 1938.

VALLAUX, C; BRUNHES, J. La Géographie de L'Histoire: Géographie de la Paix Et de la Guerre Sur Terre Et Sur Mer. Paris: **Félix Alcan**, 1921.

VALLEGA, A. Esistenza e ambiente. Nuovi scacchieri per il pensiero geografico Existence et milieu. Nouveaux échiquiers pour la pensée géographique. **Bollettino della Società geografica italiana**, v. 6, n. 10-12, p. 523-544, 1989.

WAIBEL, L. Determinismo geográfico e geopolítica. **Boletim Geográfico**, v. 19, n. 164, p. 612-617, 1961.

HELMOLT, H. Kleine Schriften von Friedrich Ratzel. Seleccionados e editados por Hans Helmolt. V. 1. Munique: **Oldenbourg**. 1906.